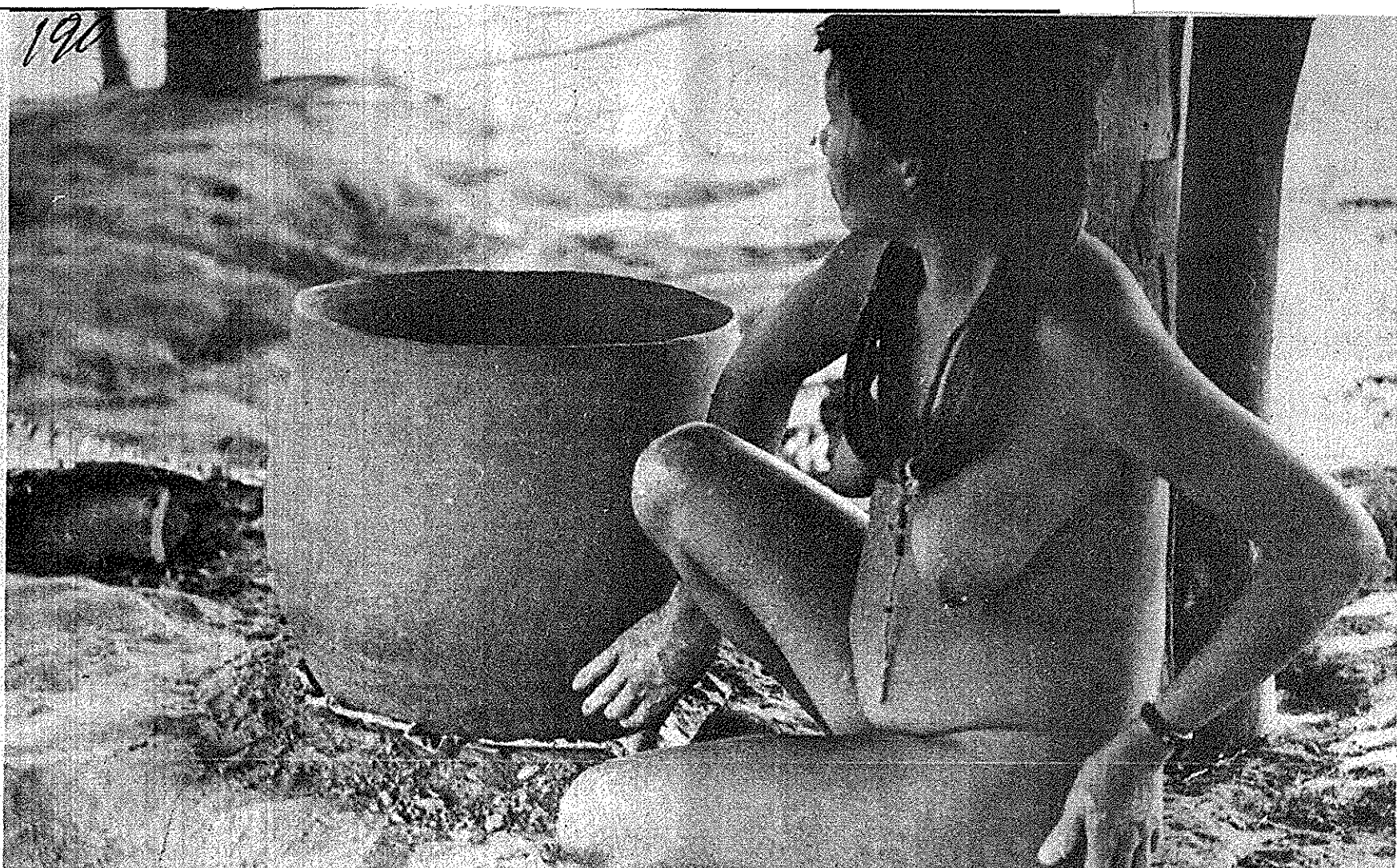


Povos Indígenas no Brasil

Fonte Correio Braziliense (D.F.) Class.: 526
Data 24 de outubro de 1982 Pg.: _____



De um milhão, no descobrimento, os índios estão reduzidos a 200 mil, diz padre Paulo Suess

Um prêmio à causa indígena

“PORANTIM”, AGORA, PREOCUPADO COM A ALFABETIZAÇÃO DO ÍNDIO

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Um prêmio para quem defende a causa indígena. Assim pode ser justificado o prêmio Fernando Chinaglia-1982/Mérito Cultural, atribuído pela União Brasileira de Escritores ao jornal *Porantim*, na figura de seu criador, o padre Paulo Suess.

O *Porantim* é um jornal alternativo, que nasceu em Manaus, em maio de 1978, quando seu idealizador era responsável pela coordenação do Conselho Indigenista Missionário na região Norte. Paulo Suess dava aulas de Teologia no Cenesb (um dos institutos teológicos da Igreja), quando chegou o convite para que assumisse a regional do Cimi na Amazônia. Como a área era bastante grande, lembra o padre, pensei em criar um jornalzinho que servisse de veículo de comunicação entre nós, religiosos, antropólogos, sertanistas, enfim, pessoas preocupadas com a causa indígena.

E hoje, passados cinco anos, o jornal chega às bancas e às mãos de assinantes brasileiros e estrangeiros, em sua quadragésima quarta edição, trazendo na capa, o assunto do momento na área indígena: a tentativa de expulsão dos índios Hã-Hã-Hae de suas terras, na Bahia. E nestes cinco anos, o jornal falou da luta dos índios, debateu temas como a autodeterminação, questionou a política da Funai, ouviu antropólogos, denunciou empresas que querem tomar as terras “destes selvagens que nada produzem”, enfim, buscou ser o porta-voz de segmentos e instituições sociais preocupados com esta etnia, cada vez mais próxima da extinção.

O padre Suess cita dados estastecedores:

- Na época da Independência, havia no Brasil um milhão e 200 mil negros; um milhão e 300 mil brancos e um milhão de índios. Portanto, os brancos eram minoria, já que negros e índios chegavam a dois milhões e 200 mil. Hoje, porém, os índios são pouco mais de 200 mil.

E ele retrocede no tempo, para chegar à “época da conquista”.

- Sim, “época da conquista”, pois “Descobrimento” é uma conceitualização branca. Eles descobriram o Brasil em 1500. Mas nesta época, aqui viviam cinco milhões de índios. Hoje são pouco mais de 200 mil, que não têm chance de sobreviver, a menos que se liguem, em sua luta, às causas dos outros índios do continente, dos operários, dos camponeses.

E para ampliar a faixa de atuação do jornal, *Porantim* está dando enorme cobertura à questão indígena na América Latina. Nos dois últimos números, várias páginas foram dedicadas ao “genocídio na Guatemala”.

E o que está acontecendo na Guatemala?

- Sob a ditadura do General Rios Montt, populações civis vêm sendo exterminadas pelo exército ou por organizações direitistas

paramilitares. E como a maioria da população é composta de índios, eles são as maiores vítimas.

Conta o *Porantim*: “Num país onde, durante séculos, floresceu a civilização dos Maya, arrasada a ferro e fogo pelo conquistador espanhol, a maioria da população atual, ainda, é indígena. São 23 diferentes nações, que somam 60% dos habitantes da Guatemala. Contra estes povos, os militares - que dominam política e economicamente o país, com o apoio do imperialismo norte-americano - desenvolvem projeto de extermínio.

E esta matéria sobre os índios guatemaltecos apresenta nova postura do *Porantim*, ao compreender que “os índios brasileiros têm que se ligar às causas de índios de países onde são maioria e têm chance de construir uma nova sociedade, como na Bolívia, no Peru e na Guatemala, por exemplo”.

LINGÜÍSTICA

Em suas primeiras edições, *Porantim* se preocupava mais com a questão teológica. Com o desenvolver de sua trajetória, o jornal foi criando seções destinadas ao debate, à apresentação de pontos de vista de instituições como a Associação Brasileira de Antropologia, a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e até a veiculação de estudos sobre as línguas indígenas. Nesta área, o jornal vem contando com a colaboração de Aryon D. Rodrigues, um dos mais importantes lingüistas do país e maior estudioso das línguas indígenas brasilei-

ras. Na edição de junho/julho, *Porantim* publicou seu primeiro artigo, intitulado *As Línguas da Família Tupi-Guarani*. Nos números seguintes, Aryon analisou *O Tronco Tupi* e *O Tronco Macro-Jê*. E seus estudos continuaram sendo veiculados pelo jornal.

Paulo Suess conta que uma seção importante do *Porantim* é a *Cronologia*, onde são apresentadas notícias veiculadas pela grande imprensa, sobre a causa indígena.

- Esta coluna é necessária, porque nosso leitor vive em regiões de difícil acesso, e nem sempre tem condições de ler jornais, diariamente. Por isso, mensalmente, ele toma conhecimento do que aconteceu graças a nosso resumo.

E quem é o público do *Porantim*?

- São missionários, antropólogos, estudantes, sertanistas e pessoas solidárias com a causa indígena.

E o jornal já é lido por índios? Há uma matéria no número 42, que traz foto do educador Paulo Freire acompanhado de Dom Pedro Casaldáliga, onde se noticia que o “Cimi-MT discute a educação indígena”. Como *Porantim* vê a questão da alfabetização do índio?

Suess - Não fazemos um jornal para o índio. Nem queremos falar por ele. Nossa proposta é atingir às pessoas que apóiam o índio. Quanto à alfabetização, é necessário fazer algumas considerações. Não existe o índio brasileiro. Existem situações de povos indígenas. Há povos que ainda não foram nem contatados, como há povos

no Nordeste, que há quatro séculos mantêm contatos com o branco. E neste contato, perderam sua língua materna. No processo de alfabetização, temos que ouvir os interesses dos índios. Se eles quiserem se alfabetizar, é um direito deles. O Estatuto do Índio, inclusive, prevê isso. O que vemos, porém, é a Funai fazer a alfabetização na língua portuguesa. E o que ocorre? Ocorre logo semelhante ao que ocorreria com um brasileiro que fala português, mas é alfabetizado em chinês. Resulta situação problemática. Seria mais eficiente se se alfabetizasse o índio em sua língua materna, e depois, se ele quisesse, em língua portuguesa. E os índios já sentem que é importante dominar a língua portuguesa, para que tenham uma arma de defesa. Ou seja, para que possam entender o dinheiro do branco, ler as placas nas estradas, enfim, não ser enganados. É importante, porém, lembrar que o domínio da língua portuguesa pode ser uma arma de defesa, mas pode ser também um instrumento de destruição.

Além de informações sobre o que está acontecendo nas reservas indígenas, o jornal se preocupa, ainda, com a resenha de livros que abordam temas ligados ao índio. No número 42 há comentário sobre *A Expedição Montaigne*, novo romance de Antônio Callado. Na última página do *Porantim*, seus editores procuram chamar a atenção do leitor para assunto de importância, dando-lhe, porém, tratamento mais descontraído. Dentro desta proposta, a página que mais agradou aos editores do jornal foi uma história

em quadrinho ilustrada pelo chargista GouGon e que mostrava o personagem Kung-Fu-Nai-Tze, mistura de Kung-Fu, com morcego e Funai, a instituição que, certo dia, quis saber se índio era índio mesmo, através do critério da consanguinidade.

E este foi um dos temas que mais chamaram a atenção do *Porantim*. Além dele, o jornal questionou, para valer, a operação de esterilização da índia Kayabi Euron, que deu à luz a trigêmeos no Hospital de Base de Brasília; denunciou a cobiça de uma empresa de cimento que está de olho na terra dos Xakriabá; e, principalmente, dedicou cobertura especial à questão da Guatemala. E a repercussão do jornal, em sua fase de veículo preocupado com a Ameríndia, tem dado muitos frutos. A situação dos índios guatemaltecos rendeu cartas e moções de apoio de países como o Peru, Alemanha e França, todas recebidas e divulgadas pelo *Porantim*.

No próximo número, que vai circular a partir de quinta-feira (dia 28), três páginas do *Porantim* serão dedicadas ao tema “A Questão da Representação e Legitimidade”. Para debater “como um povo que está à margem pode se fazer representar”, o jornal convocou o antropólogo e professor da UnB, Roberto Cardoso de Oliveira; o advogado e membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB-DF, José Geraldo de Sousa Júnior e o padre Paulo Suess. No debate, são levantadas questões como estas: o índio, se eleito, o será com votos de brancos? De posse de um cargo representativo, ele defenderá os interesses dos índios, ou dos brancos?

O *Porantim* tem levantamento do número de índios que concorrem a cargos eletivos, nos níveis federal, estadual e municipal?

- Não. O caso mais notório é o do Juruna, que concorre pelo PDT. Além dele, sabemos do Domingos Ribeiro, um Kaingang, que concorre ao cargo de vereador pelo PDS. No PDS estão, ainda, alguns terrenos.

E é frente a este quadro, que o padre Suess lembra que “os índios, como mostra a história do país, nunca avançaram em sua luta, pela lei. Mesmo quando esta lei era boa. Eles só avançaram quando ocuparam sua terra à força, fazendo valer seus direitos”. E para finalizar, ele sugere um “comercialzinho” do *Porantim*, que agora é editado e impresso em Brasília, e tem sua sede no Edifício Venâncio III, sala 310, caixa postal 11.1159. A assinatura anual custa 1800 cruzeiros. “Fazemos o jornal com poucos recursos. Nossa tiragem é de quatro mil exemplares. *Porantim* significa remo, arma, memória, na língua sateré-maué. Queremos que ele seja o remo da causa indígena, a arma de defesa dos interesses dos índios, quando forem lesados e a memória da tribo, no sentido de sua preservação cultural.



“Porantim” é remo, arma, memória na língua dos sateré-maué